



## **AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA PARA A COMPREENSÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Eciône Félix de Lima<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O referido estudo traz uma reflexão sobre a evolução psicogenética da escrita de alunos em seu processo de alfabetização da escola pública do Rio Grande do Norte. Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo relatar, por meio de uma análise comparativa entre as produções escritas de dois alfabetizandos - uma criança e um jovem ou adulto, como também compreender as concepções teórico-metodológicas que subjazem à prática de ensino – aprendizagem. Do ponto de vista teórico, o trabalho está fundamentado, de forma basilar nas discussões de Ferreiro (2001), Soares (2001), Vygotsky (1998) e outros autores que contribuíram para a construção de novos saberes. Para tanto, usou-se como metodologia, sondagem diagnóstica, listagem com campo semântico, coletas de dados, como também trabalhos teóricos sobre a temática abordada. Em linhas gerais, os resultados apontam que tanto a criança e o adulto em seu processo de alfabetização entram em conflito cognitivo no momento de registrar a palavra solicitada, o erro é consideração como construtivo no processo de aperfeiçoamento da escrita convencional e o professor que atua nos anos iniciais e/ ou na turma da EJA precisa desenvolver uma proposta de trabalho em que o seu olhar possa enxergar novas possibilidades de ensinar acerca do processo de alfabetização. Portanto, fica evidenciado que a alfabetização é construída ao longo de um processo e as instituições de ensino precisam intensificar uma prática pedagógica que promova o conhecimento sobre o uso social das práticas de leitura e escrita, pois será de suma relevância para o pensamento crítico- reflexivo no contexto atual.

**Palavras-chave:** Estudos psicogenéticos, Análises de escrita, Processo de alfabetização.

### **INTRODUÇÃO**

Tem-se grande trabalho em procurar os melhores métodos para ensinar a ler e escrever. O mais seguro de todos eles, de que sempre se esquece, é o desejo de aprender. Dê a ele esse desejo e abandone dados e tudo mais e qualquer métodos será bom. (ROUSSEAU, 2004, p.135)

---

<sup>1</sup> Aluno do curso de Especialização em ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma perspectiva transdisciplinar, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio grande do Norte (IFRN), Professor da rede Municipal de Tibau do Sul e Parnamirim (RN). E-mail: ecionefelix@yahoo.com.br



O presente artigo é resultado de uma proposta de trabalho pautado na reflexão – ação, uma vez que demonstra a relevância de se compreender o contexto do processo de apropriação da escrita convencional. Partindo desse propósito, também são apresentadas informações que certamente despertarão sua curiosidade e o seu interesse pelo assunto em questão.

O referido estudo tem como objetivo relatar, por meio de uma análise comparativa entre as produções escritas de dois alfabetizandos - uma criança e um jovem ou adulto – os dados de uma sondagem diagnóstica psicogenética dos níveis de conceituação da língua escrita na perspectiva de Emília Ferreiro, como também compreender as concepções teórico-metodológicas que subjazem à prática de ensino – aprendizagem, uma vez que, todas as crianças e ou/ jovem e adulto passam por diversas etapas, criando assim hipóteses regulares que dependem do momento vivenciado, evoluindo de uma etapa para outra quando a anterior for colocada em conflito.

Convém ressaltar que a sondagem diagnóstica foi realizada uma criança do 3º ano do Ensino Fundamental (Parnamirim) e um adulto do 1º segmento da Eja (Arês), visto que possibilitou novos caminhos para qualquer processo de construção de conhecimento e redimensionamento na prática de sala de aula.

Face ao exposto, faz-nos perceber que não se deve mais alfabetizar mecanicamente, é preciso rever algumas concepções nas quais se apoiava o ensino, todavia, sair de uma prática anterior para um outro modelo de ensino, não se traduz por uma tarefa fácil, faz-se necessário compreender e refletir cuidadosamente acerca da qualidade da proposta de ensino e posteriormente escolher com qual se quer trabalhar.

Para melhor entendimento sobre o contexto exposto, o referido documento apresenta subsídios ao trabalho docente, procurando compreender a alfabetização como um processo de desenvolvimento, por trás das hipóteses existe um ser inteligente, análise das amostras de escrita e, conclui-se com as considerações acerca da relevância do trabalho realizado.

Portanto, pressupõe-se que o contexto apresentado poderá contribuir para o aprimoramento da prática docente em relação ao ato de ensinar e aprender.

## **1. A ALFABETIZAÇÃO COMO UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

O processo de alfabetização tem sido atualmente bastante refletido por todos aqueles que se preocupam com a prática dos professores alfabetizadores, pois há muitas teorias voltadas



a esse contexto, mas algumas são colocadas em prática de forma limitada, ou seja, condicionadas aos conteúdos; o que implica uma deficiência na aprendizagem. Corroborando esse pensamento Vigostsky (1998, p. 139) afirma

Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem como tal.

Ao admitir esta verdade, fica evidenciado que a alfabetização transcende a mecânica do ler e do escrever (codificação/decodificação), ou seja, a alfabetização é um processo histórico-social multifacetado, envolvendo a natureza da língua escrita e as práticas culturais de seus usos. Neste sentido, concordamos com Frago (1993, p. 27) quando argumenta que “Alfabetizar não é só ler, escrever, falar sem uma prática cultural e comunicativa, uma política cultural determinada”

Observa-se, assim, que nas últimas décadas foram desenvolvidos estudos e pesquisas no cenário sócio educacional sobre a alfabetização que ajudaram muito a compreender melhor o processo de aprendizagem dos alunos. Dente estes trabalhos, destacaremos a seguir as contribuições de alguns autores que abordam o contexto mencionado.

Lemle (2003) explicita que, na fase inicial de alfabetização a criança deverá desenvolver a compreensão de que os sons da fala podem ser representados graficamente; mais adiante o aluno em fase de alfabetização deverá alcançar a percepção visual fina aguçada para que consiga distinguir as letras do alfabeto. Além disso, fica evidenciado que para o aluno aprender a ler e escrever é necessário adquirir a capacidade de perceber as unidades sucessivas de sons da fala utilizados para enunciar as palavras e de distingui-las uma das outras e saber isolar, na corrente da fala, as unidades que deverão ser escritas entre dois espaços brancos.

Segundo Ferreira (2001, p. 9), “Tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre método utilizado e o estado de ‘maturidade’ ou de ‘prontidão’ da criança. ” Assim fica entendido que para aprender a ler e a escrever, é necessário que criança tenha internalizado um determinado nível de desenvolvimento inerente a sua aprendizagem.

À luz dessas reflexões, Ferreira (2001) acrescenta que a alfabetização passa a ser uma tarefa interessante que dá lugar a muita reflexão e a muita discussão em grupo. A língua escrita se converte num objetivo de ações e não de contemplação. É impossível aproximar-se dela sem medo, porque se pode agir sobre ela, transformá-la e recriá-la, é precisamente a transformação e a recriação que permitem uma real apropriação.



Face ao exposto, faz-nos perceber que não se deve mais alfabetizar mecanicamente, é preciso rever algumas concepções nas quais se apoiava o ensino, todavia, sair de uma prática anterior para um outro modelo de ensino, não se traduz por uma tarefa fácil, faz-se necessário compreender e refletir cuidadosamente acerca da qualidade da proposta de ensino e posteriormente escolher com qual se quer trabalhar.

Coaduna-se com essa reflexão Ferreira e Teberosky (1998), quando ressaltam que as mudanças necessárias para enfrentar sobre novas bases a alfabetização inicial não se resolvem com um novo método de ensino. (...) É preciso rever as práticas de introdução da língua escrita e os pressupostos subjacentes a elas. (...)”. Fica claro que a língua escrita é um sistema de relações, com dois processos: ler e escrever. Dessa maneira, a criança percorre longo caminho, passando por estágios evolutivos de elaboração.

Reforçando este ponto de vista, seguir uma linha evolutiva significa que a criança não possa ler e escrever mais precocemente que o normal, significa que o processo de aquisição da linguagem obedece a uma lógica regular, pela qual toda criança passa e que se inicia quando ela diferencia desenhos de imagens (modo icônico), como o desenho das letras (modo não icônico); depois ela passa a diferenciar letras de números e finalmente consegue fonetizar suas representações através da escrita.

Outra importante consideração é-nos trazida por Soares em relação à alfabetização na perspectiva do letramento. A própria autora (2004, p. 47) define como alfabetização,

A alfabetização é [...] a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, ao tempo que letramento [...] é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Assim, o letramento implica a apropriação da escrita e sua utilização nas diversas práticas que envolvem a leitura e a escrita, extrapolando o processo inicial de aquisição do código alfabético, que constitui uma especificidade da alfabetização, bem como considerando as práticas vivenciadas cotidianamente nos contextos culturais.

Não se pode deixar de explicitar que a discussão em torno dos processos de alfabetização e letramento não implica na substituição e ou dissociação de um termo por outro, pois cada um apresenta categorias conceituais distintas, ou seja, envolvem processos complexos no que se refere à aquisição da língua escrita. A esse respeito, a mesma autora (2004, p. 14), reforça

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, [...] a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita – o letramento.



Essa aprendizagem é internalizada não por meio de exercícios, mas mediante a prática significativa, visto que engloba uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais.

A partir de observações da realidade, abordagens teóricas e reflexões, ressaltamos que a criança em seu processo de apropriação da escrita passa por hipóteses e reconhecemos também que esta não chega à escola vazia, sem saber nada sobre a língua.

Dentro dessa perspectiva, Ferreiro (1985, p. 103) fala que “temos de nos preocupar em dar às crianças ocasiões de aprender. A língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modelo de língua existir, é um objeto social, é a parte de nosso patrimônio cultural.”

De forma geral, compreende-se que a criança aprende a ler e a escrever não por artifícios como o de usar modelos já prontos, no entanto, o (a) professor (a) precisa ter claro é que toda e qualquer atividade desta área de aprendizagem deverá primar pela necessidade de abordar a escrita de modo produtivo, considerando seu caráter de funcionalidade. A própria Soares (2001, p.48), já citada, nos confirma isso ao dizer que

O domínio da leitura está na capacidade de o sujeito colocar em ação todos componentes necessários para a demanda da língua numa sociedade letrada. Não basta apenas dominar a técnica do ler e escrever, precisa desenvolver a competência. Ser usuário de uma língua, é saber fazer uso dos diferentes materiais escritos, se orientar e informar, saber falar, ler e escrever textos nas mais variadas situações sociais do mundo letrado. A apropriação do sistema da escrita é um processo complexo, que envolve tanto o domínio do sistema alfabético-ortográfico quanto a compreensão e o uso efetivo e autônomo da língua escrita nas práticas sociais do contexto em que essas práticas são requeridas.

Assim, afirmamos que durante o processo de aquisição da escrita, é esperado que a criança elabore diferentes tipos de hipóteses e que estas, são, em geral, construtivos e não se fixam; ao contrário, são superadas no decorrer do desenvolvimento da aprendizagem, a partir do momento em que toma consciência dos mesmos e, ao experimentar tais conflitos cognitivos, constrói suas concepções sobre a leitura e a escrita. Também acrescentamos que o professor precisará possibilitar um ambiente alfabetizador, visto que contribuirá para o processo de construção do conhecimento da criança mediante o contexto social.

Portanto, fica evidenciado que a aprendizagem da linguagem escrita acontece por etapa não só de acordo com o ritmo de quem aprende, mas também de acordo com o ritmo de que



ensina, visto que o papel do professor na evolução do ser humano consiste em contribuir para o para o seu crescimento e, conseqüentemente para a melhoria de toda sociedade.

## **2. POR TRÁS DAS HIPÓTESES EXISTE UM SER INTELIGENTE**

Inicialmente cabe destacar que “existe um ser inteligente por trás de cada hipótese” e reconhecemos que esta descoberta é de responsabilidade de cada professor.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1995) toda criança passa por quatro fases até que esteja alfabetizada: pré-silábica: não consegue relacionar as letras com o som da língua falada; silábica: interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada letra; silábico-alfabética; mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas; alfabética; domina, enfim, o valor das letras e sílabas.

Faz-se importante ressaltar que as hipóteses levantadas pelos alunos precisam, portanto, ser observadas e compreendidas pelo professor, que deverá ajuda-los a ultrapassá-las. Por isso, as escritas dos alunos não devem ser consideradas como “erradas.” Para Ferreiro, estes erros são considerados construtivos e não se fixam, são suportes no decorrer do desenvolvimento da aprendizagem, cabendo ao professor estimular o aluno a refletir sobre suas hipóteses, ajudando-o a avançar na construção desse conhecimento.

Sabemos que o ato de escrever é um desafio difícil, porém, possível. Além disso, escrever é realizar operações mentais, é comunicar-se e, sobretudo, é um ato criativo e que, portanto, requer um cuidado especial desde o início da escolarização.

Essa aprendizagem é internalizada não por meio de exercícios, mas mediante a prática significativa. Ferreiro (1993, p.21) explicita que

Na concepção tradicional a escrita não se apresenta como um objeto sobre o qual se pode atuar, um objeto que é possível modificar para tratar de compreendê-lo e sim como um objeto para ser contemplado e reproduzido fielmente (sonorizado e copiado com igual fidelidade).

Levando em consideração as concepções dos teóricos em educação, como Ferreiro, Vigostsky, entre outros, argumentam que para trabalhar com crianças é primordial que o professor propicie atividades de acordo sua necessidade e que desperte o interesse delas pelo conteúdo estudado, que sem dúvida vai possibilitar a reflexão para construir uma aprendizagem significativa.



Pensando neste contexto, enfatizamos que para a realização do referido estudo, foi feito uma sondagem para conhecermos a hipótese que o aluno ainda não alfabetizado possui acerca do sistema de escrita e como ele interpreta sua produção escrita.

Conforme a opinião de Ferreiro (1985), a sondagem é descrita como uma atividade que envolve, num primeiro momento, a produção espontânea de uma lista de palavras sem apoio de outras fontes e pode ou não prever a escrita de algumas frases simples. Essa lista deve, necessariamente, ser lida pelo aluno assim que terminar de escrevê-la. Acrescenta também que é por meio da leitura que o alfabetizador "pode observar se o aluno estabelece ou não relações entre aquilo que ele escreveu e aquilo que ele lê em voz alta, ou seja, entre a fala e a escrita"

Diante das discussões e observações na prática cotidiana, explicitamos que é de suma relevância que não se separe a leitura da escrita e da fala, uma existe em relação à outra e não podem aparecer em tarefas escolares isoladas.

Por todas as ideias apresentadas, transcreveremos a seguir o resultado das análises de escrita apoiado nos embasamentos teóricos e práticos referente ao processo de aquisição da escrita no sentido convencional.

### **3. METODOLOGIA**

Os fundamentos metodológicos desta investigação têm base qualitativa, pois segundo Manning (1979, p 668) “esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho desenvolver-se-á, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados. ”

Convém citar que para o desenvolvimento desse trabalho, o mesmo se constitui em uma sondagem diagnóstica, que foi realizada com dois alfabetizandos – um aluno do 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola do município de Parnamirim/RN e um jovem ou adulto do 1º Segmento da EJA, em escola na cidade de Ares/RN.

Faz-se necessário ressaltar que foi organizada uma pequena lista, cuja semântica animais, de quatro palavras com as seguintes características: a 1ª palavra polissílaba; 2ª trissílaba; a 3ª dissílaba e a 4ª monossílaba e por final a escrita de uma frase usando a palavras da lista.

Além disso, a sondagem diagnóstica foi realizada individualmente, cada aluno recebeu uma folha de papel, as palavras foram ditas sem marcar oralmente as sílabas das palavras,



evitando-se a influência do ditado silábico na própria leitura do alfabetizando, após a sua produção escrita, solicitou-se que cada um fizesse a leitura da mesma.

Neste mesmo estudo, convém citar que o aluno do 3º ano do Ensino Fundamental tem 8 anos de idade, ainda tem muita dificuldade para grafar as letras, realiza as atividades propostas pela metade e demonstra pouco entusiasmo para o ato de aprender, pois precisa intervir no seu comportamento.

Referindo-se ao aluno da EJA, o mesmo tem 48 anos, relatou que retornou a escola porque necessitava de aprimorar a sua leitura, visto que queria realizar o seu sonho, tirar a habilitação. Também foi observado que demonstra esforços para com o ato de aprender, bem como reconhece que a escola possibilitará condições adequadas de formação, conhecimento e preparação para o mercado de trabalho.

A partir desse momento, deu-se início a análise que considerou a caracterizar as hipóteses de escrita mediante as concepções de Ferreiro e entre outros autores que refletem sobre o processo de aquisição da linguagem escrita.

#### **4. ANÁLISE DAS AMOSTRAS DE ESCRITA**

Partindo das teorias estudadas sobre o contexto mencionando, teceremos a seguir descrições acerca das análises das amostras de escrita realizadas com o público – alvo em questão. Para Lüdke e André (1986, p. 45) “A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. ” Contudo, podemos dizer que as análises e observações realizadas nesse contexto permitiram nos perceber que os alunos passam por hipóteses, visto que estas são necessárias para a aquisição da escrita no sentido convencional em seu processo de aprendizagem.

- ✓ Aluno A - Ensino Fundamental ( 3º Ano – 8 anos)

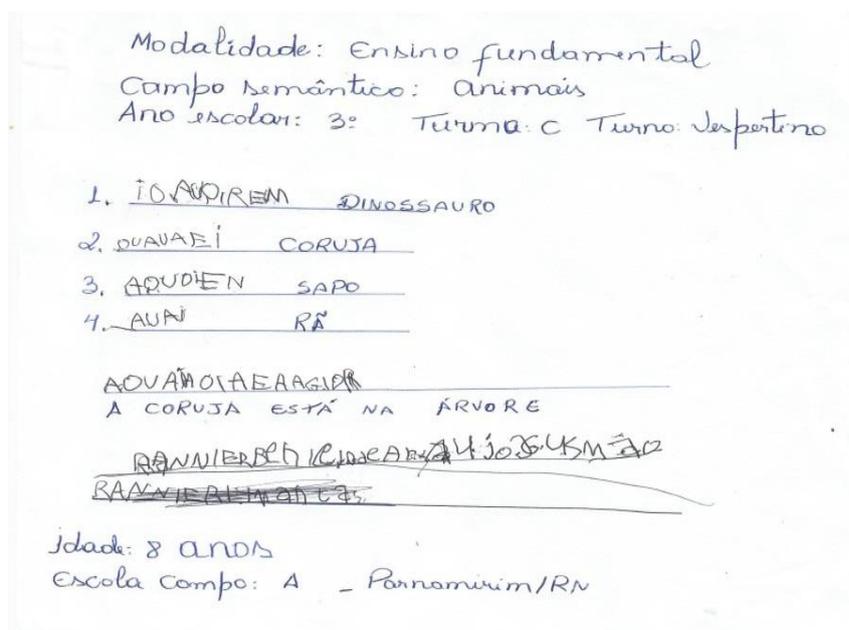


Figura 1 - Exemplo de escrita nº 1/ Acervo do autor

Mediante constatações, ficou evidenciado que o referido aluno encontra-se na hipótese pré-silábica. Ele escreve com letras, mas não descobriu que estas representam sons; tem pouco repertório de letras, utiliza-se das letras do seu nome para escrever as palavras, e, ao escrever a palavra monossílaba, agregou letras. Não possui quantidade mínima nem máxima para escrever as palavras e fez uma leitura global a palavra falada a sua escrita, ou seja, ainda não adquiriu a compreensão de que cada aumento nas grafias deve corresponder a uma progressão nas partes do falado (ao ler palavras e orações, não marca a pauta sonora).

Em suma, acrescentamos que durante essa hipótese os alunos:

- não estabelecem uma relação (sistemática) termo a termo entre o falado e o escrito;
  - podem ter um conhecimento da relação fala - escrita, mas não faz uso desse conhecimento ao escrever;
  - produzem uma escrita não fonetizada
- ✓ Aluno B – Adulto ( 1º Segmento – 48 anos)

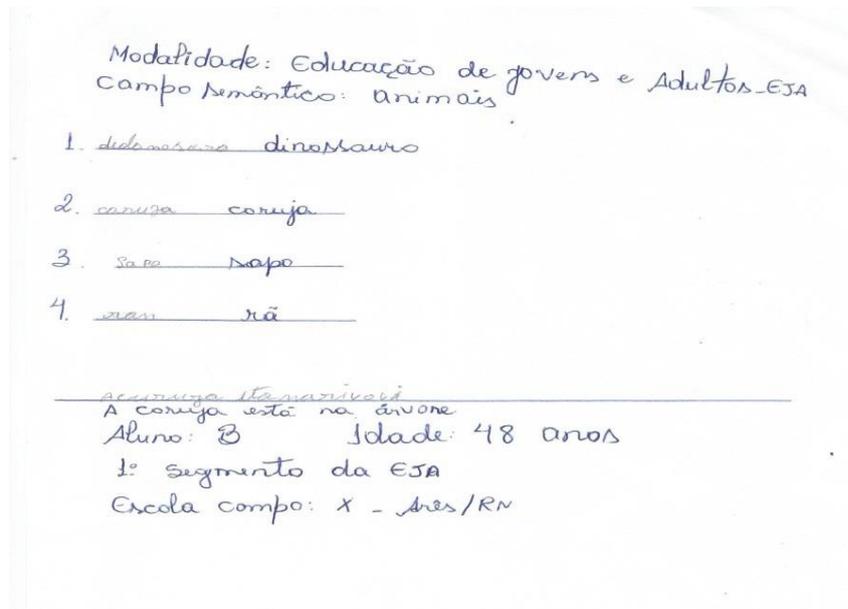


Figura 2 - Exemplo de escrita nº 2/ Fonte: Acervo do professor

Escreve na hipótese alfabética. Ele estabelece relação entre a pauta sonora e a escrita, e já compreendeu a natureza desta relação; já descobriu que as letras representam os fonemas e não as sílabas; descobriu a sílaba na escrita; Confusão de letras (trocas); Leitura soletrada; Supressão ou acréscimo de letras; Ausência de nasalização: troca de r por v; Escrita não segmentada. Acredita-se que no decorrer de sua jornada escolar, ampliará seus saberes em relação à escrita padrão.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações e considerações feitas neste texto tem como referência a investigação realizadas com uma criança de oito anos e um aluno de Educação de jovens e adultos; mediante as produções escritas advindas de uma listagem com campo semântico definido, foram analisadas por meio dos critérios estabelecidos por Ferreiro e Teberosky e, portanto, os resultados apontaram que as escritas do primeiro participante se enquadrara na hipótese pré – silábica e a do segundo na alfabética. Além disso, foi possível constatar que tanto a criança e o adulto em seu processo de alfabetização entram em conflito cognitivo no momento de registrar a palavra solicitada. Neste mesmo contexto, citamos que as produções analisadas evidenciaram que o erro constatado na fase alfabética é visto como construtivo, pois aplicando intervenções



adequadas no decorrer da sua jornada escolar, eles não se fixam em sem processo de aprendizagem.

O referido estudo mostrou que a aquisição da linguagem escrita tanto da criança e do jovens e adultos depende do ambiente em que vive e de suas relações com o meio. Outro ponto que merece destacar refere-se as práticas de alfabetização, pois faz-se necessário que o professor que atua nos anos iniciais e/ ou em classe de jovens e adultos compreenda os processos de aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que tendo esse conhecimento permitirá desenvolver uma proposta de trabalho em que o seu olhar possa enxergar novas possibilidades de ensinar.

Portanto, fica a compreensão de que é fundamental oportunizar aos alunos situações de aprendizagem que estejam vinculadas ao contexto social, pois o estímulo do professor contribuirá para que o aluno se torne protagonista de sua própria aprendizagem.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“Conte-me e eu esquecerei; ensina-me e eu me lembrarei; envolva-me e eu aprenderei.” (Benjamim Franklin)

Mediante as reflexões aqui apresentadas sobre a temática em estudo, o referido trabalho possibilitou refletir que o professor alfabetizador precisa ressignificar sua prática para oferecer ao aprendiz condições necessárias para que ele possa se apropriar da escrita padrão.

Neste mesmo contexto, afirmamos que cada aluno tem seu ritmo de aprendizagem, passa por diferentes hipóteses de escrita e não deve se apropriar à linguagem escrita de forma mecânica; o mediador da aprendizagem tenha conhecimento a respeito desse processo para compreender como a criança constrói essa aquisição.

Convém ilustrar também que as leituras realizadas serviram de subsídios, porque reconhecemos que contribuiu bastante para o conhecimento teórico e prático sobre o assunto em questão. Além disso, mencionamos que é preciso incorporar a busca contínua do aperfeiçoamento, uma vez que temos que oportunizar ao aluno condições para que se possa aprender a ler e a escrever.

Diante do exposto, ressaltamos que o trabalho – pesquisa foi de grande importância, pois oportunizou reflexões valiosas sobre o assunto mencionando. Assim, podemos afirmar que o referencial teórico trouxe um conhecimento significativo para o nosso aprimoramento profissional.



No âmbito dessas discussões, fica evidenciado que o papel do professor é ajudar as crianças na construção do saber. Tarefa por mais difícil, mas que, em contrapartida, provoca enorme prazer. Portanto, o presente estudo não tem a pretensão de esgotar as reflexões sobre o contexto abordado, no entanto representa um processo importante referente à busca contínua pelo saber para adaptarmos ao cotidiano de sala de aula.

## REFERÊNCIAS

LEMLE, Miriam. **Guia teórico da alfabetização**. 15 ed. São Paulo: Ática 2003.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. jan/abr. n. 25, 2004.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Liliana (orgs.). **Além da alfabetização**. São Paulo: Ática, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. [WWW.cursoraizes.com.br](http://WWW.cursoraizes.com.br)

FRAGO, Antônio V. **Alfabetização na sociedade e na história**: vozes, palavras e textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.